

JOY COTELLA

SITUNIUR
ENTRE
MUNDOS

1ª EDIÇÃO

LIVRO 1

REVISÃO COPIDESQUE E GRAMÁTICAL

Yuri Veríssimo

ILUSTRAÇÃO

Nicolas Azobrab

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Luiz Amaral

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cotella, Joy

Entre mundos / Joy Cotella ; ilustração Nicolas Azobrab. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2024. -- (Situniur ; 1)

ISBN 978-65-00-99723-1

1. Ficção de fantasia 2. LGBT - Siglas I. Azobrab, Nicolas. II. Título. III. Série.

24-202845

CDD-B869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura brasileira
B869.93

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Me siga nas redes sociais e me envie uma
mensagem sobre o que achou da história!

@JOYCOTELLA



SITHUNY

LARIUS

NDIITEL

COLLOS

FOLLIN

TYRIUN

KUNTYR

TRINS

SITUIN

WARKO

MURYN

ZENNIK

DOREFITU

YRINK

SARUIN

Para aquelas pessoas que acreditam
em conexões verdadeiras.

PRÓLOGO

Eu jurava que as sombras se moviam em minha direção.

O som dos meus passos ecoou pelo corredor estreito. Minha pele se arrepiava quando um vento gelado se infiltrou por uma janela.

Então, um barulho chamou minha atenção. Senti meu coração bater mais rápido e a respiração acelerar diante do desconhecido. Mesmo assim, continuei em frente, buscando a origem daqueles ruídos.

“O portal já vai se abrir”, uma voz masculina e autoritária, ecoou pelas paredes do castelo.

Fui mais rápido em sua direção. Acabei em uma ampla sala cheia de estantes de livros, mesas com frascos de líquidos coloridos, plantas de cores vibrantes e até uma miniatura de árvore cinza em um domo. Havia também diversos objetos que eu nunca tinha visto na vida. A maioria dispunha de formatos circulares, feitos com um tipo de metal roxo. Outros, eram esferas flutuantes, brilhando em azul.

Na outra extremidade, dois homens aguardavam em frente a um enorme espelho incrustado com cristais coloridos. Forcei os olhos e busquei qualquer traço de seus rostos, mas, quanto mais eu me concentrava, mais nublado ficavam.

A única coisa que identifiquei foi a roupa de cada um. O terno branco impecável do primeiro homem lhe dava o ar de um líder da máfia. O segundo, parecia mais com um soldado, ou um espião, todo de preto e com um capuz sobre a cabeça.

— Lembre-se do plano. — A mesma voz que escutei antes, a qual pertencia ao homem de terno, soou muito mais clara. — Traga-a para mim.

— Não vou te decepcionar, pai — o outro disse, com um aceno da cabeça.

Pulei de susto quando escutei o badalar de um sino ecoar pelo castelo. Meu coração acelerou. Coloquei as mãos na boca e abafei minha respiração. Nenhum dos dois notou minha presença. Olhei em volta, mas nem sinal do relógio.

Quando observei os dois homens novamente, franzi a testa em confusão. Os cristais ao redor do espelho brilharam e ele começou a derreter, como se virasse prata líquida. Então, pairou no ar. *Como isso é possível?*

— Hora de ir — o primeiro ordenou.

O outro, pulou em direção ao espelho líquido, desaparecendo completamente de vista.

O homem de terno se virou em minha direção e desejei que ele não o fizesse. Seus olhos azuis gelados se prenderam aos meus e um frio subiu pelo meu corpo como se minhas veias congelassem. Não sei por que, mas ele sorria.

Um sorriso nem um pouco amigável.

Ele se aproximou a passos lentos e eu pude sentir sua respiração em meu rosto. Sua voz não passava de um sussurro perto do meu ouvido.

— Aproveite seu tempo restante, criança.





CAPÍTULO 1
RAVEN

— Ray, acorda!

A voz era abafada como se eu estivesse embaixo da água. Mesclava-se com a da minha mente. Sacudiram meu corpo, mas não reagi: estava presa naquele sonho.

— Raven! — Empurraram com mais força e eu acordei em um pulo. A respiração acelerada, o coração a mil por hora e uma camada de suor na minha nuca. Meus óculos pararam no chão.

Ainda tinha a sensação de congelar de dentro para fora, mesmo sabendo que aquilo não passou de um sonho. Ou melhor, um pesadelo.

Balancei a cabeça, espantando aquele sentimento e me concentrando nas coisas à minha volta. Forcei meus olhos através do borrão da miopia, identificando as pessoas dormindo e o brilho das telas dos celulares.

— Você está bem, Raven? — Mackenzie, uma das minhas colegas de turma, me tirou do estupor com o cenho franzido. — Você está pálida, parece que viu um fantasma.

— Estou bem, Mac, não se preocupe — respondi à pergunta da loira de cabelo curto. Por algum motivo, não tinha vontade de comentar sobre isso com alguém.

Alguns alunos se levantaram da cadeira com as mochilas em mãos, mas a professora pediu para esperarmos.

— Para semana que vem, quero que cada um traga um vídeo

seu, dançando uma coreografia de sua própria autoria. Não se esqueçam, se vocês copiarem de algum lugar, eu saberei.

Tudo voltou à nitidez quando coloquei meus óculos. Anotei a lição. Pelo menos, teria algo para me concentrar sem ser aquele maldito pesadelo. Minha colega estreitou os olhos, mas, depois de alguns segundos, deu de ombros e jogou a mochila por cima do ombro. Fiz o mesmo e saímos.

— Hoje vou ficar para ensaiar — Mackenzie falou quando chegamos perto de uma das salas de ensaios. — Nos vemos amanhã, Ray.

Nos despedimos com um rápido abraço e ela foi embora. Andei pelos corredores cheios de gente e minha mente voltou ao sonho. A sensação de frio passou, mas meu coração acelerava toda vez que eu lembrava daqueles olhos ou daquele sorriso. Sem mencionar a frase sussurrada em meu ouvido. As palavras continuavam frescas na minha mente.

“Aproveite seu tempo restante, criança”

Fiquei tão perdida em meus pensamentos que só percebi que saí da escola quando cheguei ao estacionamento e parei em frente a minha vaga. Nela, estava meu cachorrinho vermelho: um Ford Ka, nada muito luxuoso, mas que funcionava muito bem. Meus amigos sempre me zoavam por eu chamá-lo de cachorrinho, mas nada tirava da minha cabeça que a frente dele parecia o focinho de um cachorro.

Balancei a cabeça e liguei o carro. Fui para casa ao som de The Score, uma das poucas bandas que me descontraía. Unindo com o fato de que, por um milagre, o trânsito era quase inexistente, cheguei ao meu prédio mais calma.

Assim que abri a porta do meu apartamento, meu corpo relaxou. Segui o cheiro delicioso até a cozinha, deparando-me com meus dois melhores amigos. Enquanto Charlie adicionava os temperos, Helena estava sentada na mesa, estudando um roteiro.

Charlie e Helena formavam meu grupo de amigos inseparáveis. Nós éramos quase como uma família.

— Por que vocês foram embora tão cedo hoje?

Deixei minha mochila em cima de um pufe.

— Meu professor liberou a gente mais cedo para podermos estudar o roteiro da nova peça que vamos fazer. — Helena não tirou os olhos roxos do roteiro. Seus cabelos eram castanhos encaracolados, presos em um rabo de cavalo. Algumas mechas soltas davam um charme especial ao seu penteado.

— E um dos meus professores desmarcou a aula de hoje, então saí mais cedo. — Charlie deu uma rápida olhada em minha direção, antes de voltar a olhar para a panela. Ele prendeu o cabelo em um coque, deixando as laterais raspadas mais evidentes e os óculos embaçados pelo vapor.

— O que está cozinhando, CJ? — Cheguei mais perto dele, dando uma espiadinha dentro da panela. No entanto, ele entrou na minha frente. — Deixa eu ver o que é, por favor!

— Não, você vai esperar ficar pronto pra saber. — Ele colocou mais um pouco de tempero e impediu todas as minhas tentativas seguintes.

— Mas estou morrendo de fome! — exclamei com um olhar de cachorro sem dono. Eu sempre fazia isso quando queria algo. Como uma deixa, meu estômago roncou e eu apontei para minha barriga.

— Vai ter que esperar até ficar pronto, Ray. — Ele repetiu e eu suspirei, sentando-me ao lado de Helena. Quando percebi, minha perna já balançava.

— Sobre o que vai ser essa peça, Lena? — Essa era a segunda que ela fazia desde que começou a faculdade.

Sua atuação era incrível. Ela incorporava os personagens de uma forma que parecia uma pessoa completamente diferente.

— Vai ser um dos clássicos.

— Deixa eu adivinhar: “Romeu e Julieta”.

— Acertou em cheio! — Helena sorriu, colocando o texto de lado. — Vou ser a Julieta e o Romeu, por incrível que pareça, será uma garota chamada Cassandra. Ela entrou há pouco tempo na faculdade, foi transferida ou algo assim.

— Nossa, isso é incrível! Do jeito que nossa faculdade às vezes é preconceituosa, nunca pensei que isso aconteceria, não enquanto estudássemos lá.

Cruzei as pernas e meu pé voltou a balançar.

— Nem eu, mas fico feliz. Isso mostra que nem todos naquele lugar são desse jeito.

O tanto de discriminação que sofremos pelo corpo docente é de irritar qualquer um.

— E meu gaydar aponta que esse meu professor é gay. — Nós três rimos com aquele comentário. — Falando nisso, nós vamos ensaiar hoje mais tarde, e eu quero apresentá-la para vocês.

— Tudo bem, se quiserem, podem ensaiar aqui — ofereci, mesmo sabendo que ela morava nesse prédio também, seu apartamento ficando alguns andares abaixo.

— Vamos ensaiar aqui, então. — Lena pegou seu celular, provavelmente para mandar uma mensagem para a outra mulher.

— Esse cheiro está muito bom — resmunguei, sentindo minha barriga reclamar de novo.

— Você não precisa sofrer mais, minha amiga. — Charlie deu seu típico sorriso gengival com a panela nas mãos. — Apresento a vocês a feijoada!

Ele abriu a tampa e revelou uma mistura de feijão-preto, com linguiça e outras partes de porco. O cheiro maravilhoso fez meu estômago roncar pela terceira vez e eu lambi os lábios.

— Comida brasileira, dessa vez? — Helena perguntou. Charlie tinha esse costume de fazer comidas diferentes e tem uma preferência pelas da América Latina desde que eu lhe apresentei aos meus pratos favoritos da minha terra natal.

— É uma das comidas mais famosas de lá e é simplesmente deliciosa. — Ele piscou para mim. — E eu sei que você ama quando faço comida brasileira.

Colocou a panela de volta no fogão.

— Sirvam-se à vontade.

Abri um largo sorriso e deixei um beijo na bochecha dele.

— Ainda não sei onde isso tudo vai parar — CJ comentou ao ver a quantidade de comida que coloquei no meu prato e eu apenas dei de ombros, colocando mais.

O que eu poderia fazer se eu amava comer?

— Para a bunda, com certeza. — Helena falou, fazendo Charlie rir e eu estreitei os olhos.

Se minhas mãos não estivessem ocupadas, teria dado um tapa nela, então apenas revirei os olhos.

Sentei ao lado da Helena, enquanto Charlie sentou na nossa frente. Comemos entre conversas e risos como normalmente acontecia. Amávamos contar as fofocas do dia e a preta era especialista nisso. Ficávamos tão entretidos que, às vezes, nem víamos o tempo passar.

Quando acabamos, eu fui lavar os pratos, enquanto Helena secava e guardava. Sempre tivemos esse sistema. Era mais fácil assim e ninguém ficava aborrecido.

— Que horas sua amiga vai chegar, Lena? — Entreguei o último prato para ela.

— Ela já deve estar chegando — respondeu secando e colocando de volta no armário.

— Ainda estou chocada que uma garota vai fazer o papel de Romeu na nossa escola. — Enxuguei minhas mãos, trocando o peso do meu corpo de um pé para o outro.

— Estou bem ansiosa para o resultado final. — Helena encostou no balcão da pia. — Cassandra é uma ótima atriz.

Não se passaram nem dois minutos antes da campainha soar pelo apartamento. Na minha agitação, joguei o pano de prato na pia e quase escorreguei no meio do corredor.

Atendi a porta e dei de cara com uma garota uns bons centímetros mais alta que eu. Ela tinha o cabelo cinza platinado tão curto quanto o meu, no estilo undercut, e a franja dividida no meio.

Meu olhar encontrou seus olhos verdes como o mar e senti um arrepio estranho atravessar meu corpo. A primeira e única coisa que consegui pensar foi “uau, que deusa grega”.

— Lumíria... Quer dizer... Olá, eu sou a Cassandra — Ela falou depois de alguns segundos de silêncio, tirando-me do meu transe. Olhei para sua mão estendida em formato da letra C e franzi a testa. Mesmo assim, apertei em cumprimento. Senti um leve choque com o contato e quase perdi a careta que ela fez. Mas eu estava tão focada em sua beleza, que acabei ignorando sua estranheza. — A Helena está aqui?

Apenas assenti, ajeitando meus óculos no rosto e dando espaço para ela entrar. Parecia que meu cérebro travou totalmente.

— Oi, Kassy. — A preta cumprimentou, aproximando-se enquanto eu fechava a porta.

— Olá. — Ela respondeu, dando um pequeno sorriso.

— Bom, essa é a Raven. — O olhar da mais alta parou em mim por alguns instantes. Eu comecei a balançar meu corpo e brincar com meus dedos.

Meu olhar viajava em todas as direções, menos para ela. Só quando voltou a prestar atenção em minha amiga, eu relaxei um pouco.

— E aquele ali esparramado no sofá é o Charlie.



— É um prazer conhecer vocês. — Cassandra sorriu para nós e jurei derreter ali mesmo com tanta beleza.

De onde essa beldade saiu?

— Hm... Vocês podem usar minha sala de treino para ensaiar — ofereci, ainda meio perdida.

Pude ouvir uma risadinha, mas estava concentrada demais na mulher a minha frente para descobrir quem foi.

— Obrigada, Ray. — Lena falou, lançando um olhar conhecedor em minha direção.

Ela arrastou a mulher até a sala que eu usava para treinar as danças. Lá possuía espelhos em quase todas as paredes e Helena falava que era bom ensaiar suas falas ali.

— Limpa a baba, Ray. — Charlie brincou e eu revirei os olhos, jogando uma almofada na sua cara. — Ai! Pra que tanta agressividade? Vou te denunciar por ataque a minoria, hein!

— E desde quando uma lésbica batendo em um não-binário é ataque a minoria? — Apenas recebi um bufo em resposta.

Deitei no tapete felpudo e passei a mão por ele. As memórias do meu Husky, Loki, que ficara em minha terra natal, voltaram à minha mente. A sensação entre meus dedos era a mesma.

— Não vejo a hora das férias chegarem — mudei de assunto, afastando o constrangimento anterior e a saudade que ameaçava me tomar.

Eu amava dançar, realmente amava.

Mas ficar horas sentada ouvindo sobre a teoria das danças e essas coisas era cansativo. Eu gostava apenas das aulas práticas, que não eram muitas para o meu desgosto. Às vezes eu me questionava se eu deveria mesmo estar fazendo faculdade ou apenas um curso rápido.

— Eu também — CJ soltou um gemido de frustração que me tirou dos meus devaneios.



— Impossível! Você deve estar usando hack, só pode! — reclamei quando Charlie ganhou de mim pela vigésima vez no videogame.

— Não tenho culpa se sou o número um no videogame. — Ele retrucou, rindo e fazendo uma pose estranha.

Bufei e deixei o controle na mesinha de centro.

— Cansei de jogar — resmunguei, pegando uma almofada e colocando em cima das minhas pernas.

Nós dois jogamos por quase duas horas e eu não ganhei nenhuma partida. Nenhuma! Isso que dava jogar contra um viciado em games.

— Cansou de perder, né? — Charlie provocou e eu apenas mostrei o dedo do meio para ele, que riu da minha reação. — O que podemos fazer agora?

— Que tal vermos um filme? — perguntei, levantando do chão e me espreguiçando. Minhas costas estalam com o movimento e eu soltei um suspiro de alívio.

— Eu topo! — Ele concordou, abrindo um sorriso.

— Vou ver se a Helena e a amiga dela querem assistir também. — Fui em direção à sala de ensaio.

Bati na porta e entrei sem esperar resposta. As duas estavam no chão, rindo em meio a uma conversa. Balancei meu corpo, constrangida por interromper.

— Gente, nós vamos assistir a um filme, querem vir também? — perguntei, meu olhar caindo sobre Cassandra, que me olhava com uma expressão curiosa e, ao mesmo tempo, divertida. Senti meu rosto esquentar e desviei o olhar.

O que diabos a Helena falou sobre mim?

— Com certeza. — A preta arrumou suas coisas, que estavam espalhadas. — Vai assistir com a gente, Kassy?

— Acho que não tem nenhum problema.

As duas me seguiram em direção à sala. Eu podia sentir minha nuca formigar e de alguma forma sabia que Kassandra estava me observando, mas resolvi não olhar. Ainda não sabia como agir perto dela.

Afastei a mesinha de centro e me deitei no tapete felpudo, encostando minha cabeça em uma almofada. Helena deitou no outro sofá livre, enquanto Kassandra sentou na única poltrona presente na sala.

Colocamos um filme de ação e não demorou muito para todos ficarmos entretidos com ele.



Mais ou menos no meio do filme, decidimos pedir pizza e a campainha tocou um tempo depois.

— Finalmente, estou morta de fome. — Levantei em um pulo, quase derrubando meu celular, e peguei o dinheiro.

— E quando você não está com fome, Ray? — Helena brincou e uma careta surgiu em meu rosto, fazendo os outros rirem.

— Vai se ferrar, Lena — rebati, indo em direção à porta.

Ao abri-la, dei de cara com um homem bem mais alto que eu, com cabelos ruivos, quase até os ombros e óculos de grau. Ele deveria ter a minha idade e usava um uniforme da pizzaria que fiz o pedido. O estranho era que eu sentia como se conhecesse ele de algum lugar.

— Boa noite, aqui estão suas pizzas. — Ele estendeu as duas caixas de pizza para mim.

— Muito obrigada!

O entregador agradeceu e se despediu, indo embora. Apenas ignorei a sensação estranha que eu senti e voltei para a sala, colocando as caixas de pizza na mesinha de centro.

— A comida está na mesa.

Abri as caixas, sorrindo com o cheiro, e cada um pegou um pedaço da que mais lhe agradava.

Como o filme já havia acabado, conversamos sobre a faculdade e fizemos várias perguntas para a nova amiga da Lena. Aos poucos eu ia relaxando perto dela, mesmo que meu rosto esquentasse todas as vezes que nossos olhos se encontravam.

Descobri que Cassandra veio transferida de uma faculdade de Los Angeles e que morava com dois amigos que também vieram de lá, Astraeus e Linus, que estudavam engenharia e letras, respectivamente.

— Deveríamos marcar de sair qualquer dia desses — Helena sugeriu, a empolgação era evidente em sua voz.

— Acho que é uma ótima ideia — Cassandra concordou e olhou para o celular, fazendo uma cara surpresa. — Nossa, já está bem tarde, acho melhor eu ir.

Ela se despediu dos meus amigos com abraços acalorados e eu a acompanhei até a porta. Meu nervosismo voltou com tudo ao perceber que ficaria sozinha com ela.

— Foi um prazer conhecer todos vocês.

— Não foi tão ruim conhecer você também — brinquei e nós duas rimos.

Sua risada era tão gostosa que eu não me importaria de ouvir para sempre, e seu sorriso então...

— Nos vemos por aí, Raven.

Franzi a testa em descontentamento.

— Ray — disse rapidamente, odiava quando me chamava pelo nome, era como se a pessoa estivesse brava ou algo assim. — Me chame de Ray.

— Certo, Ray... — Ela falou meu apelido como se saboreasse ele e sorriu de lado.

Derreti por dentro mais uma vez e meu rosto esquentou furiosamente, o que só fez com que ela sorrisse mais.

— Vejo você depois.

— Até — murmurei meio aérea e a observei ir embora.

— Deslumira! Quer dizer... Adeus! — eu não fazia ideia do que aquilo significava, mas apenas sorri e acenei enquanto ela se afastava.

Fechei a porta assim que a mulher saiu do meu campo de visão e virei para voltar para a sala, mas dei de cara com meus dois melhores amigos me encarando com olhares divertidos.

— O quê?

— Você está caidinha pela Kassy — Helena constatou e eu revirei os olhos, mas senti meu rosto esquentar mais ainda, se possível.

— Não estou não. — Rebatu passando por eles e indo em direção ao meu quarto, não queria ouvir as provocações dos dois sobre isso.

— Está sim! — escutei Charlie gritar antes de fechar a porta do meu quarto.

Joguei-me na cama e suspirei, esfregando minhas bochechas coradas.

O que eu menos queria agora era começar a gostar de alguém, mas aquela mulher mexeu comigo de uma forma que... Chega, Raven, foco!

Balancei minha cabeça e peguei meu celular, procurando o número da minha mãe.

Nasci e morei em São Paulo, no Brasil, junto com minha mãe e meu irmão mais velho, antes de vir fazer faculdade em New York. Quase todas as noites eu ligava para saber como eles estavam e matar a saudade que tanto me consumia.

— Boa noite, mãe — falei em português quando ela atendeu.

Eu sempre me sentia bem quando podia usar minha língua nativa com alguém, algo que não acontecia tanto quanto eu gostaria.

— Boa noite, querida — ela respondeu — Como vão as coisas por aí?

— Vão bem. Hoje conheci uma amiga da Helena que vai encenar com ela em “Romeu e Julieta”. Ela é bem legal.

— Está gostando dela, é?

Eu bufei, revirando os olhos.

Como é que as mães sempre sabem?

— Você também não! — reclamei — Já não bastam meus amigos acharem isso, você também acha. Eu não estou gostando dela, apenas a achei legal.

— Tudo bem, se você diz... — ela falou, mas eu sabia que ela não foi convencida.

— Enfim, como vai o Gustavo?

— Vai bem, ele saiu com os amigos para acampar hoje de manhã.

— Seria legal ir acampar com o pessoal — comentei já pensando em falar com meus amigos sobre isso.

Passamos mais alguns minutos conversando e eu relaxava cada vez mais com a voz da minha mãe.

— Bom, vou indo, falo com você amanhã, mãe.

— Até amanhã, querida!

Desliguei a ligação e encarei o teto. O sonho que tive mais cedo voltou à minha mente, junto com a sensação de congelar de dentro para fora.

O que aquele maldito sonho queria dizer?

Mas, como se viesse para combater essa lembrança, a cena de Cassandra rindo se sobrepôs à memória do sonho e uma chama se acendeu em meu peito, afastando a sensação de congelamento.

Era um sentimento gostoso e eu me agarrei a ele, permitindo o calor do sentimento me consumir. Eu realmente esperava ver Cassandra mais vezes.



CAPÍTULO 2
KASSANDRA

— Finalmente você chegou! — Linus exclamou assim que passei pela porta do nosso apartamento.

Não era um espaço tão grande, principalmente para três pessoas, mas serviria enquanto estivéssemos presentes. E já ficamos em lugares mais apertados que esse.

— Estava imaginando que você iria dormir na casa da sua nova amiga. — Astraeus comentou, um sorriso malicioso brincando em seu rosto.

Eu apenas revirei os olhos para o seu comentário e fechei a porta atrás de mim.

— Elas me convidaram para assistir a um filme e comer pizza. Então, obviamente, eu fiquei. Os filmes deles são interessantes e pizza é a melhor comida daqui, não iria recusar.

— Nem chamou a gente, né? — Astraeus fingiu mágoa e eu revirei os olhos novamente, ele era dramático demais, às vezes. — Eu pensei que você estava só com a garota do seu curso.

— Helena falou para ensaiarmos na casa da amiga dela, que mora no mesmo prédio.

— A amiga dela é bonita?

— Astraeus, nem pense nisso — cortei-o, com uma expressão fechada. O ruivo era muito pegador e já nos demos mal em algumas situações por conta disso.

— Tudo bem, eu já entendi, você chegou primeiro — ele levantou as mãos em sinal de rendição e eu iria discutir, mas Linus interveio antes que aquilo se transformasse em uma briga.

— Vocês dois nem comecem. — Ao escutar isso, Astraeus bufou e passou a mão entre seus cabelos vermelhos encaracolados. Ele odiava ser repreendido. — Temos que focar no que importa aqui.

— Vocês conseguiram se comunicar com o outro lado? — Me joguei de qualquer jeito no sofá.

— Ainda não — Linus respondeu, ajeitando seu óculos no rosto, e deu um longo suspiro. — Algo ainda está bloqueando o sinal.

— Certo, então vamos continuar nossas buscas e descobrir o que está impedindo nossa comunicação — falei, já havíamos projetado nossos celulares para o sinal chegar até lá, mas não estava funcionando como queríamos.

Vi que Astraeus estava apontando um dedo para a lareira e joguei uma almofada nele.

— Que parte do “não use seus poderes em casa” você não entendeu?

— Eu só ia acender a lareira — ele argumentou, sentando no outro sofá, onde Linus estava, e jogou as pernas em cima do homem mais novo.

— Você pode acabar colocando fogo na casa inteira e você sabe disso — o de cabelos azuis explicou, sem tirar os olhos do livro que lia.

— Vocês dois são muito chatos — o mais velho cruzou os braços, emburrado.

— E você é dramático demais — rebati, levantando do sofá — vou para o meu quarto que eu ganho mais.

Me despedi dos dois e fui em direção ao meu quarto, me jogando na cama e encarando o teto.

Olhos azuis elétricos e cabelos ruivos invadiram minha mente, fazendo-me soltar um longo suspiro. Aquela mulher

me intrigava e eu nem sabia por quê. Só esperava que Helena me chamasse para ensaiar mais vezes na casa da Raven.



— Bom dia, Kassy — Helena cumprimentou ao sentar do meu lado.

Haviam se passado alguns dias desde o ensaio e eu não parei de pensar na amiga dela, podemos dizer que sou um pouco emocionada.

— Bom dia, Lena.

— Vai fazer alguma coisa nesse fim de semana?

— Não que eu saiba, por quê?

— Estávamos pensando em ir acampar e queríamos saber se você e seus amigos não querem vir com a gente.

Eu me animei na mesma hora, amava acampar, fazíamos isso o tempo todo no lugar de onde nós viemos. Quem sabe assim conseguíssemos um insight sobre a missão? Não tivemos muitas oportunidades de explorar as florestas desse universo.

— Eu amei essa ideia, estamos dentro.

— Ótimo, mais tarde passo todas as informações para você e planejamos melhor.

A professora entrou na sala assim que ela terminou de falar e eu apenas assenti em resposta antes de voltar a minha atenção para a recém-chegada.

As aulas do dia foram bem tranquilas e interessantes, eu estava amando estudar aqui. Era um pouco diferente do que eu estava acostumada. Não tínhamos exatamente uma faculdade, aprendemos sobre nossas profissões trabalhando com mentores da área.

Assim que a aula acabou, eu me despedi dos meus colegas de turma e segui em direção ao estacionamento, em busca dos meus amigos.

— Fomos convidados para acampar — informei assim que entrei no nosso carro sem nem mesmo cumprimentar os dois.

— Você aceitou, né? — Astraeus perguntou, animado, virando para me olhar do banco do passageiro.

— Óbvio que sim.

— Vamos acampar! — Linus comemorou com um sorriso.

— Mas no momento temos uma coisa mais importante para fazer — lembrei e a animação deles diminuiu, suas expressões ficando sérias.

Linus ligou o carro e nos colocou na estrada.

— Já que vai demorar quase uma hora, que tal colocarmos uma musiquinha? — Astraeus sugeriu, ligando o som e mudando as estações de rádio, até ele finalmente achar uma boa.

— Já ouvi essa música antes — comentei quando o refrão começou — é de um tal de Twenty alguma coisa.

— Twenty One Pilots — o homem de cabelo azul-escuro falou, fazendo eu e Astraeus olharmos para ele com cara de interrogação. — O quê? Gosto deles.

— Li, você só escuta música clássica — o ruivo comentou.

— E daí?

— E daí que as músicas deles passam longe de serem músicas clássicas — expliquei.

— Ah, me deixem em paz — Linus resmungou e um pequeno bico se formou em seus lábios. Eu e Astraeus apenas rimos da sua reação.

— O que vocês estão achando da faculdade? — perguntei, inclinando meu corpo entre os bancos.

— Estou achando bem interessante, estou aprendendo sobre a literatura desse mundo, que é bem diferente da nossa — Linus comentou, sem tirar os olhos da estrada. — E também tivemos uma aula sobre geografia, sabia que eles são divididos em países? E que tem um enorme oceano dividindo os grupos de países, chamados de continentes?

— Pensei que aqui todas as terras eram juntas igual lá em casa — Astraeus falou, franzindo a testa em confusão.

— Aparentemente, era assim a milhões de anos atrás, mas as terras foram se afastando, será que isso vai acontecer no nosso mundo também? — O mais baixo questionou.

— Acredito que a magia das nossas terras mantém tudo junto, então acho que não vai acontecer a mesma coisa — respondi e ele assentiu.



— Chegamos — Linus informou, estacionando em frente a uma caverna no meio do nada.

Com cautela, entramos no local. Um breu incomum nos rodeou, o que me deu esperanças.

— Asty, precisamos de luz — pedi e ele criou uma bola de fogo em sua mão, fazendo-a flutuar na nossa frente.

Começamos a avançar por um corredor estreito e úmido, apenas nossos passos e o crepitar do fogo eram ouvidos. Ali dentro estava mais frio do que o lado de fora.

Arrumei melhor a minha blusa, atenta a qualquer barulho ou movimentação estranha. Estávamos em um lugar desconhecido, tínhamos que manter a guarda alta o tempo todo.

Não sei por quanto tempo ficamos andando, mas logo o estreito corredor deu lugar a uma ampla câmara. E ali, bem no centro, iluminado pela luz que vinha de uma abertura no teto, estava o que procurávamos: um enorme espelho.

— Finalmente encontramos o caminho para casa — Astraeus constatou, sorridente.

— Não fique tão alegre, precisamos cumprir nossa missão antes de voltar — lembrei e a animação do ruivo sumiu.

— Nem se quiséssemos poderíamos voltar — Linus falou e nós dois olhamos para ele, confusos. — Olhem, está sem os cristais.

Era verdade, o espelho precisava estar incrustado com cristais, mas os lugares em que eles deveriam ficar estavam vazios.

— Ótimo, mais um problema que temos que resolver — Astraeus resmungou, cruzando os braços.

— Até parece que nunca tivemos desafios em nossas outras missões — falei, dando tapinhas em seu ombro para consolá-lo. — Esse nem de longe é o pior.

— Só que, além dos meus aparelhos não funcionarem, não sabemos quando a ameaça da tal profecia vai chegar! — O ruído começou a andar de um lado para o outro. — Sem nenhuma comunicação, não temos como saber se já não está lá! Podemos voltar e encontrar tudo destruído, porque demoramos demais!

— Astraeus, se acalme! — Usei minha voz autoritária e ele imediatamente parou de andar e olhou para mim. — Nada está perdido ainda, vamos encontrar o que viemos procurar.

— Mas como? Não sabemos nem quem é!

— Vamos dar um jeito, como sempre fazemos nas missões. Quando foi que nós falhamos?

— Nunca — murmurou ele, os ombros relaxando aos poucos.

— Então recomponha-se! — ordenei e ele assentiu, o corpo em posição de sentido.

— Saudades de Situniur — Linus comentou depois de alguns segundos de silêncio, suspirando.

Situniur era a nossa casa, e ficava em outro universo. Estávamos nesse mundo em uma missão. Os reis nos enviaram em busca de uma pessoa que poderia deter uma ameaça que está surgindo. Não sabemos quem estamos procurando ou que ameaça era essa, apenas que existia uma nova profecia que citava isso.

— Vamos recapitular as coisas — pedi e os dois voltaram sua atenção para mim.

— Certo, em primeiro lugar, o dispositivo que eu criei para mostrar a concentração de energia Situniuriana parou de funcionar assim que chegamos aqui — Astraeus começou —, mas consegui indicar a cidade que deveríamos procurar.

— Fora que a mesma coisa que estava interferindo no funcionamento do dispositivo, também interferiu no portal, que nos enviou para longe dele e só agora conseguimos encontrá-lo — Linus continuou.

Realmente fomos parar longe de tudo. Foi um dia inteiro de viagem a pé até chegar a New York.

— Eu fiquei dias tentando arrumar o dispositivo, até que, por alguns segundos, ele voltou a funcionar, antes de parar de novo.

— E aí conseguimos a localização da faculdade.

Fui recapitulando tudo enquanto os dois falavam. Só conseguimos ingressar nessa faculdade como alunos transferidos, depois que Astraeus descobriu um meio de falsificar nossa documentação usando nossos celulares de Situniur, mesmo que eles estivessem travando com a interferência.

Achávamos que apenas iríamos encontrar a pessoa e partir logo depois, mas sem o local exato nesse mundo, tivemos que encontrar um meio para ficar aqui até terminar a missão. Foi muito complicado nos encaixarmos aqui no começo, mas arranjamos o apartamento para ficarmos e o que eles chamam de carro também.

Os primeiros dias aqui foram frustrantes e cansativos. Essa cidade é muito barulhenta, o oposto de casa. Nossas ruas são cheias de gente, porém, todos estão em harmonia. Aqui, as pessoas pareciam pensar só em si mesmas, cada um fechado em sua mente, andando rápido e trombando em outros, ignorando aqueles que pedem ajuda. E a paisagem, então? Tudo era acinzentado e poluído. Foi mais difícil de nos adaptarmos aqui do que eu pensava.

— Certo, agora precisamos achar a pessoa e os cristais do portal — concluí, minha mente correndo em mil direções, mas sem encontrar nenhuma solução imediata. — Não vai adiantar nada ficar aqui, vamos voltar para o apartamento.

Fui em direção à saída da caverna sem esperar uma resposta deles.

O caminho da volta foi feito em completo silêncio, apenas o som do rádio preenchia o carro. Cada um preso em seu pensamento em busca de um caminho para continuar a missão o mais rápido possível.

Quando quase chegamos em casa, recebi uma mensagem de Helena perguntando se não queríamos ir à casa da Raven para resolver as coisas do acampamento e comer uma pizza.

— Mudança de planos, Linus, vamos para a casa da Raven. Não havia nenhum problema em uma folga... certo?



— Chegaram rápido — Helena comentou ao abrir a porta da casa.

— Estávamos por perto, então só mudamos o caminho e viemos para cá — falei, dando um pequeno sorriso, ainda estava meio preocupada com a missão. — Esses são Astraeus e Linus — apresentei os dois, que acenaram em cumprimento.

— É um prazer conhecer vocês, aquele ali é o Charlie — apresentou.

Olhei em volta, procurando pela Raven, mas não a vi em nenhum lugar. Quando voltei meu olhar para Helena, ela estava com um sorrisinho de canto na minha direção.

— Ray está ensaiando naquela sala em que estávamos na última vez, você poderia chamar ela para mim enquanto peço as pizzas? — ela pediu, ainda com um sorrisinho.

Franzi a testa, mas assenti.

— Obrigada, e vocês meninos, podem ir para a sala, fiquem à vontade.

Fui até a sala de ensaio e parei no batente da porta, que estava aberta, observando a cena à minha frente.

Raven estava usando uma calça moletom azul e apenas um top preto. Uma música lenta estava soando pelo quarto e o corpo dela seguia o ritmo com tanta sintonia que me deixou hipnotizada.

Qualquer pensamento ou preocupação sobre a missão desapareceu da minha mente. Só conseguia focar na cena na minha frente.

Havia uma tatuagem de dragão no centro de suas costas com um padrão de espirais que parecia familiar para mim, mas minha mente estava focada em outra coisa para reparar. O desenho parecia estar dançando com ela. Eu seguia cada movimento com o olhar, quase babando.

Fui tirada do meu transe quando a música terminou e ela parou em frente ao espelho, ainda de olhos fechados. Antes que eu pudesse me impedir, comecei a bater palmas e acabei assustando Raven, que pulou e se virou para me olhar.

— Meu deus, que susto! — exclamou, colocando a mão no peito, que subia e descia aceleradamente. — Desde quando está aí?

— Tempo o suficiente para ver o quanto você dança bem — comentei sem pensar e observei as bochechas dela ganharem um tom mais rosado.

— Eu... ãn... obrigada — ela se atrapalhou um pouco, mas sorriu no final e eu devolvi o sorriso.

— A Lena me pediu para te chamar — disse e ela revirou os olhos, bufando.

— Agora entendi tudo — Raven resmungou enquanto arrumava seu óculos e eu franzi a testa, confusa. — Bom, vou tomar um banho, antes.

Quando ela falou isso, não pude evitar olhar para seu corpo, analisando cada detalhe, eu não conseguia desviar o foco. Só fui tirada do meu transe quando uma Raven extremamente vermelha pigarreou, chamando minha atenção.



— Desculpa — pedi, dando um sorriso envergonhado por ser pega no flagra.

— Tudo bem, tudo bem — ela murmurou, evitando me encarar. — Eu só vou... — Raven apontou para atrás de mim e eu entendi que ela queria passar.

— Ah, certo...

Saí da porta e ela passou por mim.

— Obrigada — ela disse e deu um pequeno sorriso, ainda sem me olhar, antes de entrar rapidamente no banheiro.

Soltei um suspiro e voltei para a sala, me deparando com todos os olhares voltados para mim, junto com sorrisinhos maliciosos.

— O quê? — questionei, fechando a cara. Meus amigos apenas levantaram as mãos em sinal de rendição e os outros riram.

Helena estava sentada em um sofá, com a cabeça de Charlie no colo, e meus amigos estavam no outro sofá. Sentei no chão e encostei as costas no sofá em que Astraesus e Linus estavam.

— Então, que dia vamos acampar? — Li perguntou, animado.

— Estávamos pensando em ir na sexta à tarde e voltar domingo à noite — Lena falou.

— Acho que é um ótimo plano — abri um sorriso.

Começamos a conversar sobre o que levar até que Raven apareceu e sentou no chão à minha esquerda, entrando na conversa também.

— Quem vai fazer caminhada comigo? — a ruiva perguntou, praticamente pulando no lugar.

— Caminhadas são chatas — Charlie resmungou e os outros concordaram com ele.

— Vocês é que são um bando de chatos — ela reclamou, cruzando os braços e fazendo um bico. Acabei abrindo um sorriso com a cena.

Já posso apertar essas bochechas?

— A Kassy gosta de caminhadas — Astraeus comentou como quem não quer nada e eu me segurei para não dar um soco nele.

Raven virou para mim com um olhar esperançoso e eu não podia dizer não.

— Eu vou — cedi e ela abriu um largo sorriso, fazendo uma dancinha de comemoração, o que fez todo mundo rir.

— Vou te levar até a cachoeira, é um lugar magnífico!

— Tenho certeza de que vou adorar.

A campainha tocou e eu levantei ao mesmo tempo que a ruiva. Ela reparou isso e deu uma leve risada.

— Vamos buscar as pizzas, vem Kassy! — ela falou e saiu me puxando pela mão em direção à saída, sem esperar minha resposta. Raven abriu a porta e demos de cara com o entregador com três caixas de pizza — Oh! Olá outra vez.

— Oi, srta. Danvers — ele cumprimentou. A ruiva ao meu lado entregou o dinheiro e pegou as caixas desajeitadamente.

— Não quer ajuda? — perguntei, segurando a risada.

— Não, não, eu dou conta — ela tentou me tranquilizar, mas ainda estava tentando equilibrar as caixas. — Muito obrigada...

— Thiago — o entregador respondeu à pergunta silenciosa e Ray sorriu para ele, antes de se despedir e fechar a porta.

Eu poderia jurar que já tinha visto esse homem em algum outro momento. Deveria ser apenas coisa da minha imaginação, mas porque ele me parecia tão familiar?



CAPÍTULO 3
RAVEN

Abri um sorriso de orelha a orelha ao olhar em volta.

A clareira continuava a mesma de sempre, as árvores altas criavam diversas sombras, a grama não estava tão grande e o pequeno lago refletia a luz do sol. Desde que havíamos descoberto esse lugar, há alguns meses atrás, ele se tornou um dos meus favoritos, mas não conseguíamos vir muito aqui, por ser um lugar um pouco longe.

— Apresento a vocês o nosso cantinho especial — informei como se estivesse apresentando um show. Larguei minhas coisas no chão e me espreguicei, respirando o ar fresco da natureza.

— Esse lugar é maravilhoso — Astraeus comentou, quase pulando no lugar de tanta excitação.

— É incrível — Cassandra concordou, um lindo sorriso em seu rosto enquanto analisava todo o espaço.

— Bom, acho que devemos montar nossas barracas primeiro, certo? — Linus sugeriu.

— Eu vou montar a minha bem longe do lago, desta vez — Charlie resmungou de cara fechada. Acabei rindo com Helena, deixando os outros três confusos.

— Na hora da fogueira nós contamos — Helena falou antes que eles perguntassem algo e começou a tirar as coisas da mochila dela para armar a barraca.

Nossos novos amigos apenas deram de ombros. Começamos a imitá-la e eu decidi montar minha barraca entre Helena e Cassandra. No final, acabamos formando um semicírculo com abertura para o lago.

— Prontinho — Helena falou após terminar a montagem dela. — Agora temos que fazer uma fogueira, está começando a esfriar.

— Vamos nos separar para pegar galhos secos e pedras — sugeri colocando uma blusa de moletom. Minha amiga estava certa, estava esfriando.

— É assim que os filmes de terror começam — CJ brincou e riu da cara que fiz com aquele comentário.

— Charlie Damon Jaions, não começa! — exclamei, lançando um olhar mortal na direção dele, fazendo-o engolir em seco e os outros rirem.

Adentramos a densa floresta e cada um foi em uma direção diferente.

Depois de alguns minutos, comecei a me arrepender da ideia de nos separar ao ver o sol começar a se pôr no horizonte e, conseqüentemente, tudo à minha volta começar a escurecer.

Senti meu corpo ficando cada vez mais tenso conforme a luz foi se esvaindo. Eu olhava em volta em busca de algo invisível, as sombras criando ilusões na minha mente. Senti que estava sendo observada, mas não havia nada além das árvores.

Com a minha grande inteligência, eu esqueci completamente de pegar minha lanterna. Comecei a acelerar meu passo e a pegar os galhos o mais rápido que eu podia, tinha que encontrar logo os outros e fazer a fogueira.

À medida que ia escurecendo, eu via rostos nas árvores, olhos na escuridão, mas eu sabia que era tudo invenção da minha fobia.

Deixei um grito escapar e pulei com o susto quando senti uma mão tocar meu ombro.

— Calma, Ray, sou só eu — Astraeus explicou rapidamente, levantando um dos braços em sinal de rendição, enquanto o outro carregava várias pedras de diferentes tamanhos.

— Quer me matar de susto, cara? — perguntei, colocando a mão no peito. Meu coração parecia estar correndo uma maratona.

Respirei fundo para me acalmar e olhei em sua direção. Astraeus deu um sorriso sem graça, coçando a nuca, mas eu conseguia perceber o brilho de divertimento em seus olhos.

— Lum... quer dizer, desculpa, Ray — eu apenas fiz um sinal para ele deixar isso para lá.

Fiquei curiosa com o termo que ele usou, mas não falei nada. Devem ser da região que eles vêm. Pensei em pesquisar quando voltássemos, mas provavelmente esqueceria até lá.

— Vem, vamos voltar, acho que já temos o suficiente.

Astraeus concordou com minha fala e nós começamos a caminhar em direção à clareira em silêncio.

Meu coração ainda estava acelerado e eu andava rapidamente, tentando chegar ao acampamento antes de escurecer por completo. Meus ombros tencionaram quando pensei ver um vulto passar ao meu lado. Parei bruscamente e travei, meu medo me consumindo.

— Hey, tudo certo? — Astraeus me encarou com um olhar preocupado.

— Eu... — Minha voz sumiu, não conseguia falar nada.

— Tem medo do escuro? — Ele perguntou, sem nenhum julgamento. Eu apenas consegui dar um leve aceno. — Está tudo bem ter medo, todas as criaturas racionais têm medo do escuro.

— Você acabou de citar uma frase de Percy Jackson? — Aquilo foi tão inesperado, que me tirou das garras do medo.

— Linus queria saber mais sobre a literatura de vocês, então estava lendo alguns livros — Astraeus explicou. — Então, eu peguei esse tal de Percy Jackson para ler quando estava entediado.

— Como assim o Linus quer saber mais sobre a nossa literatura? Pensei que ele fosse americano.

— Ele é da... — fez uma cara pensativa. — Coreia.

— Que legal! É por isso que ele parece tanto um k-idol.

— É... ãn... É isso aí — Astraeus parecia meio hesitante e confuso, mas resolvi deixar quieto.

Astraeus pegou uma lanterna do bolso e ligou, iluminando nosso caminho. Ele ofereceu o braço para mim.

— Vamos? — perguntou, um leve sorriso no rosto.

Senti meu rosto esquentar, mas segurei seu braço mesmo assim. Fiquei surpresa com a quantidade de músculos ali e olhei melhor para ele. Mesmo no escuro, eu conseguia enxergar os detalhes do seu rosto. Desde que Kassandra nos apresentou, eu fiquei me perguntando da onde os olhos âmbar avermelhados dele saíram. Nunca vi nada parecido antes. Eram extremamente bonitos e cativantes. Ele todo exalava um ar de realeza, como se fosse um príncipe.

— Gostando da visão? — Astraeus perguntou, um sorriso malicioso em seu rosto.

— Eu posso ser lésbica, mas não sou cega — rebati, rindo da expressão confusa em seu rosto. — Vamos, garanhão, antes que os outros venham nos procurar.

Não demoramos muito para chegar ao acampamento.

— Escutamos um grito, vocês estão bem? — Linus questionou.

Meus melhores amigos me olhavam com preocupação, eles sabiam da minha fobia, e eu apenas dei um sorriso tranquilizador para eles, meu coração estava começando a se acalmar com as lamparinas colocadas entre as barracas que iluminavam um pouco o lugar.

— Estamos bem, o grito foi meu, desculpe — respondi meio envergonhada e arrumei meu óculos, percebendo que fomos os últimos a voltar.

— E a culpa foi minha — Astraeus comentou, dando o mesmo sorriso sem graça de antes. Percebi o olhar irritado que Kassandra lançou na direção dele e segurei a risada.

— Enfim, vamos fazer a fogueira — falei, tentando desviar a atenção de todos desse pequeno acontecimento.

Colocamos todos os galhos juntos, um pouco de álcool e rodeando eles com as pedras. Helena jogou um fósforo aceso no meio deles, pulando para longe assim que as chamas acenderam.

— De acordo com a nossa tradição, está na hora das histórias de terror com marshmallow — Charlie falou, animado, e levantou um saco de marshmallows branquinhos e alguns palitos longos.

Suspirei ao perceber que não teria escapatória e sentei junto dos outros ao redor da fogueira. Chars entregou um palito para cada um e o saco de marshmallows foi passando entre a gente. Espetei logo três e levei para perto do fogo.

— Quem quer começar? — Helena perguntou quando todos terminaram de se ajeitar.

Como sempre, Charlie foi o primeiro a levantar a mão.

— Em uma noite sombria, sob o manto denso de uma floresta, onde as sombras dançam ao sussurro do vento, uma lenda macabra ecoa entre as árvores como um lamento noturno. Nas profundezas desse bosque sinistro, há um segredo sombrio que apenas os destemidos ousam contemplar.

“Dizem que, quando a lua se esconde por trás das nuvens, os corredores sombrios da floresta ganham vida. Histórias perturbadoras circulam sobre aqueles que ousaram penetrar nesse domínio enigmático, apenas para desaparecer sem deixar rastro.”

“A narrativa mais aterrorizante que se ergue desse labirinto de árvores fala de uma figura indescritível, um pesadelo feito carne com olhos que queimam como brasas. A lenda sussurra que, se alguém se perder sob o manto negro da noite, sem uma única luz para guiá-lo, a entidade nefasta emergirá das sombras.”

“Dizem que, ao encarar a criatura nos olhos, a vítima é condenada a um espetáculo terrível: a visão distorcida de seu

próprio destino. Um portal para o inferno se abrirá diante de seus olhos, revelando um tormento que nenhum mortal deveria contemplar. A escuridão engolirá a alma do perdido, e a criatura, com garras afiadas como navalhas, rasgará implacavelmente a carne ainda palpitante da vítima.”

“O ar frio da noite é preenchido com os gritos daqueles que enfrentaram a ira da entidade. A floresta, agora impregnada com o eco dos tormentos passados, silencia qualquer curioso que ouse se aventurar em seus domínios. Restos macabros são tudo o que resta daqueles que se perderam, e seus destinos sombrios se transformam em advertências sussurradas pelo vento, ecoando pelos corredores de árvores retorcidas.”

“Assim, a floresta permanece como um túmulo silencioso para os corajosos que desafiam o desconhecido, onde o medo se entrelaça com as sombras, e a figura com olhos vermelhos aguarda pacientemente por sua próxima vítima perdida.”

Quando ele terminou a história, eu percebi que estava agarrando o braço de Helena, meus marshmallows completamente esquecidos.

Olhei em volta e percebi que todos os outros pareciam não ter se abalado pela história e estavam olhando para mim. Pigarreei e me afastei rapidamente de Helena.

— Nem foi tão assustador assim — falei, tentando parecer confiante, mas a expressão dos outros indicava que nenhum deles acreditava em mim.

— Ray, fogo! — Helena alertou e eu franzi a testa, confusa.

Estávamos perto de uma fogueira, é óbvio que iria ter fogo. Mas segui seu olhar e vi que meu palito estava em chamas. Com a surpresa, soltei-o e ele caiu dentro da fogueira, sendo consumido completamente pelo fogo.

— Meus marshmallows... — lamentei, chateada.

Charlie estendeu para mim um novo palito com mais dos doces brancos e eu abri um sorriso brilhante para ele, agradecendo antes de pegar.

— É a vez de um de vocês contar uma história de terror — Helena falou para os nossos novos amigos e meu sorriso sumiu na hora.

O trio trocou olhares decidindo quem iria contar primeiro.

— Certo, eu conto — Cassandra começou. — De onde viemos, existe uma lenda que diz que nas entranhas de florestas sombrias, onde a escuridão é tão densa que até a lua teme iluminar, vive uma presença arrepiante, uma entidade furtiva, que transcende as fronteiras do sobrenatural para mergulhar no pavor mais visceral.

“Dizem que esta criatura das sombras, que se move silenciosamente entre as árvores retorcidas, possui uma habilidade aterrorizante. Ela é mestra na imitação, capaz de reproduzir a voz mais querida daqueles que ousam adentrar seu reino noturno. A voz de um ente amado, implorando por ajuda, ressoa entre os troncos escuros, envolvendo a mente da vítima em um abraço traiçoeiro de confiança.”

“À medida que a alma indefesa é guiada pelas melodias familiares, ela é levada mais fundo nas entranhas do bosque, onde a escuridão é tão densa que até os próprios sons parecem desvanecer. Cada passo é um passo mais próximo do abismo, uma dança fatal ao som da voz que ecoa como um canto de sirene na noite.”

“Quando a vítima se encontra enredada nas garras da criatura, a verdade se revela de maneira horrível. Na penumbra, a besta emerge, seus olhos reluzindo com uma malícia ancestral. Sem aviso, ela desfere um ataque voraz, despedaçando carne e ossos com uma ferocidade que transcende a compreensão humana. Mas a natureza macabra não termina aí.”

“O monstro, como um carnicheiro demoníaco, devora apenas os ossos da vítima, deixando para trás um amontoado repugnante de carne dilacerada. A floresta silenciosa então testemunha o horror, o sabor metálico do medo pairando no ar enquanto a criatura se dissolve novamente nas sombras, aguardando pela próxima vítima que ousar adentrar seu reino de pesadelos.”

“Essa lenda, que parece ecoar além das páginas de contos fantásticos, permanece viva como um aviso sussurrado pelos próprios espíritos da floresta, alertando os curiosos a nunca subestimar a escuridão que se esconde entre as árvores antigas.”

O modo como Kassy contou a história, a seriedade em sua voz, fez eu ter a sensação de que aquilo não era apenas uma lenda. E meus amigos também pareciam ter sentido, porque Helena estava abraçando suas pernas e Charlie estava grudado nela.

O clima ficou tenso pelo que pareceu uma eternidade até alguém pigarrear e chamar nossa atenção.

— Quem vai contar a próxima?



Depois de várias histórias e muitos marshmallows, decidimos ir dormir para aproveitarmos o próximo dia. Demos boa noite e cada um foi para a sua barraca.

Troquei minha roupa por um pijama de frio e entrei no meu saco de dormir. Como não conseguia adormecer no escuro total, deixei minha lamparina acesa ao meu lado. Mesmo assim, demorei mais tempo do que o costume para pegar no sono, sempre acontecia isso depois que eu escutava ou via coisas de terror.

Meu sonho começou praticamente normal, eu estava deitada na grama às margens de um belo rio, relaxando ao som da natureza e observando as nuvens no céu. Eu nunca havia estado em um lugar tão lindo quanto aquele.

— Aquela nuvem parece um rinoceronte de botas — a voz masculina chamou minha atenção. Quando olhei em sua direção, encontrei Gustavo, meu irmão mais velho, deitado ao meu lado, observando as nuvens. Seus cabelos ruivos compridos estavam espalhados pela grama e a luz do sol destacava suas sardas, como geralmente fazia com as minhas. — E aquela parece um dragão.

Foi a partir daquele momento que as coisas começaram a ficar estranhas, o que Gustavo estava vendo, não era uma nuvem, era realmente um dragão. E estava vindo na nossa direção.

— Temos que sair daqui, agora! — exclamei, levantando rapidamente e puxando ele.

— Mas... — ele tentou argumentar, porém, a criatura branca pousou ao nosso lado.

— Não dá tempo, corre! — mandei e empurrei-o em direção à floresta segundos antes que uma rajada de fogo nos acertasse.

Corremos entre as árvores mesmo quando não escutamos nenhum som atrás de nós. Parei bruscamente quando passei por uma árvore e vi que não estava mais em uma floresta. Eu estava em um enorme campo de batalha e meu irmão havia sumido. Gritei seu nome, mas o barulho da batalha era mais alto. Foi apenas quando o enorme dragão branco de minutos atrás passou voando perto de mim que percebi as outras criaturas estranhas.

Havia homens lutando entre si usando espadas e lanças, mas também havia homens lutando contra dragões, pegasus, unicórnios e mais uma variedade estranha de criaturas.

Ao meu lado, vi um homem cravar uma espada no peito de um pegasus. O animal soltou um som angustiado antes de cair no chão, já sem vida. Coloquei as mãos na boca, em choque. Mais a frente, um homem decapitou outro com um enorme machado. Também vi uma espada atravessar o abdômen de um ser que tinha o corpo de humano e a cabeça de águia.

Mais e mais cenas de morte começaram a acontecer na minha frente, eu queria fechar os olhos, mas algo me impedia. Os olhares de pânico ficariam gravados na minha mente para sempre.

No centro da batalha, um homem lutava com o dragão branco. Algo dentro de mim sabia que se a criatura morresse, algo muito ruim iria acontecer. Comecei a correr na direção dos dois, mas parecia que estava correndo em câmera lenta.

Meu olhar se encontrou com o do homem e me deparei novamente com aqueles olhos azuis gelo. A mesma sensação de frio me invadiu novamente. Ele me lançou um sorriso arrogante antes de dar o golpe final no dragão.

Acordei completamente assustada e toda a agitação fez com que eu derrubasse e apagasse minha lamparina, mergulhando minha barraca no escuro.

O recente pesadelo e a completa escuridão fizeram o pânico crescer dentro de mim. Meus batimentos começaram a acelerar e o ar parecia estar fugindo de mim, eu não conseguia respirar. Eu me encolhi, o medo irracional me dominando completamente, não conseguia pensar em mais nada além dos olhares sem vida. Toda vez que eu piscava, meu cérebro fazia com que eu visse eles na escuridão.

Me assustei mais ainda quando escutei algo na entrada da minha barraca e me encolhi dentro do saco de dormir, fechando os olhos com força.

— Raven? — Alguém me chamou, mas o pânico não me deixou reconhecer quem era. Uma mão encostou em meu braço e eu me afastei rapidamente, assustada — Hey, calma, sou apenas eu, a Cassandra.

Eu abri os olhos devagar e me deparei com a outra mulher abaixada ao meu lado, com uma lamparina acesa na mão. Ela deixou o objeto no chão e deitou ao meu lado. Kassy levou uma mão ao meu rosto e limpou algumas de minhas lágrimas, eu nem percebi que estava chorando.

— Está tudo bem agora, você não está sozinha, lumin, estou aqui — ela falou calmamente, dando um sorriso tranquilizador para mim. — Respire comigo, tudo bem? — pediu e eu apenas assenti.

Kassandra respirou fundo pelo nariz e depois soltou pela boca, e eu a imitei. Fizemos isso por alguns segundos, ela não desviou o olhar do meu em nenhum momento e ficou fazendo um carinho suave no meu braço. Minha respiração começou a voltar ao normal e meu coração desacelerou.

Então as imagens dos corpos sem vida e dos olhares vazios surgiram na minha mente e o pânico começou a voltar. Kassy percebeu isso e me puxou para os seus braços, me aninhando neles.

— Está tudo bem, lumin — ela sussurrou para mim —, você está segura comigo.

— Promete? — minha voz saiu falhada e rouca pelo choro recente.

— Prometo pela minha felicidade.

Estranhamente, aquilo me acalmou. Mas não foi o suficiente para relaxar minha mente. Eu estava com medo de voltar ao pesadelo.

— Apenas durma, lumin, não vou sair do seu lado.

Fechei os olhos e tentei me concentrar no cafuné que Kassandra estava fazendo, mas não conseguia me afastar da sensação de terror. Meu lado racional sabia que foi apenas um pesadelo. Muito vívido, contudo, apenas algo da minha mente.

Mas havia algo dentro de mim que gritava que não era só imaginação. Parecia mais como uma lembrança. E não era o primeiro sonho que me despertava esse sentimento.

Aqueles gélidos olhos azuis surgiram na minha mente e eu senti o frio me invadir de dentro para fora.

Esses sonhos devem ser só coincidências... Certo?

